

DR. DONALD E. CAPPS: UMA BREVE INTRODUÇÃO À SUA TEOLOGIA PASTORAL PARTE 2 DE 2*

*Dr. Bruno J. Linhares***

RESUMO

Esta é a segunda parte de um artigo que, brevemente, explora cinco livros de Donald E. Capps, professor emérito de Teologia Pastoral no Princeton Theological Seminary, Nova Jersey, EUA. Após apresentar, na primeira parte, alguns fundamentos teológicos e filosóficos para a compreensão de seu trabalho, nesta segunda parte são analisados como aspectos da vida pessoal e congregacional explicitados através de histórias podem ser reenquadrados na prática da poimênica, sob uma perspectiva de esperança.

* A parte 1 de 2 deste artigo foi publicada na Reflexus ano IV, nº4.

**Bruno J. Linhares é luterano (IECLB), doutor em Teologia Prática pelo Princeton Theological Seminary, em Princeton/NJ, EUA, onde estudou com Donald Capps. Fez também residência em Clínica Pastoral no Baptist Medical Center em Jacksonville/FL, EUA. Correio eletrônico: bruno.linhares@alum.ptsem.edu.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia Pastoral, Teologia Prática, Hermenêutica, Aconselhamento Pastoral, Poimênica, Clínica Teológica

ABSTRACT

This is the second part of an article that briefly explores five works of Donald E. Capps, Professor Emeritus of Pastoral Theology at Princeton Theological Seminary, New Jersey, USA. After presenting in the first part some theological and philosophical foundations for the understanding of his work, in this second part it is analyzed how aspects of personal and congregational lives made explicit through stories can be reframed in the practice of pastoral counseling focusing on a perspective of hope.

KEYWORDS

Pastoral Theology, Practical Theology, Hermeneutics, Pastoral Counseling, Clinical Theology

USOS PASTORAIS

Dando prosseguimento à primeira parte deste artigo, onde foram apresentadas algumas bases teóricas para as linhas gerais do projeto de teologia pastoral de Donald Capps, discutiremos, nesta segunda parte, as suas aplicações pastorais.

Capps explorou a ‘ação pastoral significativa’ em três dos seus livros subsequentes aos discutidos na primeira parte deste artigo, sempre seguindo a proposta original de produzir uma teologia pastoral baseada no círculo (ou arco) hermenêutico. Em *Reframing: A New Method in Pastoral Care*¹, publicado

¹ Donald Capps, *Reframing: A New Method in Pastoral Care* (Minneapolis: Fortress, 1990), t.p. *Re-enquadramento: Um novo método para os cuidados pastorais*.

em 1990, Capps propõe o reenquadramento como método possível para o cuidador pastoral fomentar esperança em aconselhados e discute os diferentes meios para atingir este objetivo. Mais tarde, em *Agents of Hope: A Pastoral Psychology*², publicado em 1995, Capps apresenta em detalhes uma das funções, a seu ver básica, do líder religioso: a de ser um agente da esperança. Por fim, em *Living Stories: Pastoral Counseling in Congregational Context*³, publicado em 1998, Capps defende a poimênica como sendo essencial para a vida de uma congregação, pois ajuda os congregados a construir, compreender, e mudar não somente suas narrativas, mas também suas vidas, sob uma perspectiva de esperança. É um livro que desenvolve diferentes aplicações dos métodos propostos em livros anteriores. Esta trilogia demonstra como a teologia prática pode ser efetiva e reflexivamente aplicada à vida de congregações, sendo um recurso útil para líderes religiosos e não apenas um objeto de discussões acadêmicas.

De modo a facilitar a compreensão das ideias de Capps, será discutido, inicialmente, o segundo livro da trilogia, *Agents of Hope*, seguido do primeiro, *Reframing* e, por fim, do terceiro, *Living Stories*.

***Agents of Hope* (Agentes da esperança)**

Como premissa básica do livro *Agents of Hope*, Capps apresenta a necessidade de fomentar esperança naqueles à

² Donald Capps, *Agents of Hope: A Pastoral Psychology* (Minneapolis: Fortress, 1995; reimpressão, Eugene: Wipf and Stock, 2001), t.p. *Agentes da esperança: Uma psicologia pastoral*. As páginas citadas são da reimpressão.

³ Donald Capps, *Living Stories: Pastoral Counseling in Congregational Context* (Minneapolis: Fortress, 1998), t.p. *Narrativas vivas: poimênica em um contexto congregacional*.

volta dos líderes religiosos como concepção mais central e fundamental do seu trabalho⁴. O líder é, em última análise, o agente ou o canal para tal, não apenas ocasionalmente em momentos de crise, mas, e sobretudo, sob uma perspectiva mais comportamental. Os líderes “oferecem e encorajam a manutenção de uma atitude esperançosa diante da vida identificando os fatores que podem ajudar a mantê-la ou miná-la”⁵. Esta característica os torna uma exceção entre outros profissionais de ajuda pois, diferentemente de outros, acalantar esperança é central à sua ação e, por vezes, tudo o que podem fazer.

Por esta razão, o estudo acadêmico sobre a esperança requer atenção e este é o objetivo de Capps. Seu livro, entretanto, difere de outros que tratam da perspectiva teológica da esperança, pois, como psicólogo da religião, Capps afirma que, de modo a “serem aceitos por [outros] profissionais de ajuda, os pastores tenderam a perder suas características distintas”⁶ ao adotar linguagem e ferramental de avaliação de outras profissões. Seguindo uma sugestão de Paul Pruyser⁷, Capps encoraja os “líderes religiosos a recuperarem suas próprias linguagens, [usando] temas teológicos para ‘diagnosticar’ os problemas dos aconselhados sob uma perspectiva religiosa”⁸. Já que a linguagem “está enraizada em nossas concepções do mundo, a cosmovisão que subjaz ao ministério pastoral está

⁴ Capps, *Agents of Hope*, 1.

⁵ Capps, *Agents of Hope*, 2.

⁶ Capps, *Agents of Hope*, 2.

⁷ Paul W. Pruyser, *The Minister as Diagnostician: Personal Problems in Pastoral Perspective* (Philadelphia: Westminster, 1976), 13-29, t.p. *O ministro como agente de diagnóstico: problemas pessoais sob uma perspectiva pastoral*.

⁸ Capps, *Agents of Hope*, 3.

fundamentada em esperança eterna”⁹. Capps, em outras palavras, encoraja os teólogos a fazerem o que anteriormente foram incapazes ou desmotivados a fazer: ver a esperança sob a perspectiva de uma interpretação cristã ou, de forma mais geral, religiosa do *self*.¹⁰

Capps inicia sua argumentação citando Erik Erikson: “o pensamento psicanalítico tendeu a focalizar mais nas patologias do que nos aspectos saudáveis”¹¹. Capps e Erikson querem, portanto, enfatizar o que consideram serem aspectos saudáveis dos seres humanos. Ademais, na teoria do desenvolvimento humano de Erikson, a esperança pertence às características relacionadas com o primeiro dos oito estágios do ciclo vital¹². Já que novos aspectos saudáveis são construídos sobre

⁹ Capps, *Agents of Hope*, 3.

¹⁰ Citando apenas um exemplo, a interpretação de Capps é, por exemplo, diferente de Jürgen Moltmann, *Theologie der Hoffnung: Untersuchungen zur Begründung und zu den Konsequenzen einer christlichen Eschatologie* (München: Chr. Kaiser, 1964), disponível em português como *Teologia da esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã* (São Paulo: Editora Teológica, 2003).

¹¹ Capps, *Agents of Hope*, 29.

¹² O primeiro estágio é chamado de confiança básica x desconfiança básica. Donald Capps, *Life Cycle Theory and Pastoral Care* (Philadelphia: Fortress, 1983; reimpressão, Eugene: Wipf and Stock, 2002), 17-31, t.p. *Teoria do ciclo vital e cuidados pastorais* (as citações referem-se às páginas da reimpressão). Este livro interpreta: Erik H. Erikson: *Identity and the Life Cycle* (New York: W. W. Norton, 1980), t.p. *Identidade e o ciclo vital*, e Joan M. Erikson, *The Life Cycle Completed: Extended Version with New Chapters on the Ninth Stage of Development* (New York: W. W. Norton, 1997), t.p. *O ciclo vital complementado: versão aumentada com novos capítulos sobre o nono estágio de desenvolvimento*. A confiança básica consiste em visões pessoais e do mundo adquiridas durante o primeiro ano da vida humana. É uma “confiança razoável” em relação a outros e a um sentimento básico de autoconfiança. Erikson sugere que neste estágio a criança aprende a confiar na figura materna

outros pré-existentes, a esperança pode ser considerada como “uma base para todos os aspectos saudáveis”¹³, sobre a qual uma criança desenvolve o suporte para todas os outros aspectos ou virtudes. A esperança nasce e se desenvolve no seio da relação entre a mãe ou a/o cuidadora/or e a criança, e continua influenciando uma pessoa durante toda a vida, afetando seu desenvolvimento e decisões. É um “aspecto básico, que persiste mesmo quando não há fundamentos objetivos para confiança”¹⁴ na existência da esperança. Segundo Capps, “continuamos esperançosos mesmo quando não atingimos aquilo que as nossas esperanças almejam. A manutenção do nosso senso de esperança não depende da concretização de qualquer esperança específica”¹⁵.

Capps sugere também, a partir de uma de ideia de Pruyser¹⁶, que a esperança, sendo relacionada com a imaginação e por extensão com a fé, seja parte de uma sequência dinâmica que envolve espera, antecipação, fixação e esperança propriamente dita, na qual as duas primeiras fases estão relacionadas com o desejo e as duas subsequentes com a esperança. A diferença

[ou da/o cuidadora/or] e a exercer controle sobre seus aspectos hostis. Isto não significa que haja uma ausência de frustração por parte da criança, mas sim que a figura materna não aceita ou ignora completamente a manipulação infantil. Há um equilíbrio entre ambas as perspectivas e a criança aprende a funcionar em meio a este equilíbrio. A desconfiança básica, por outro lado, se desenvolve quando as experiências infantis em relação ao mundo, resultantes de seus encontros com a figura materna, são inseguras e não-predizíveis.

¹³ Capps, *Agents of Hope*, 30.

¹⁴ Capps, *Agents of Hope*, 30.

¹⁵ Capps, *Agents of Hope*, 32-33.

¹⁶ Paul W. Pruyser, *Between Belief and Unbelief* (New York: Harper & Row, 1974), t.p. *Entre a crença e a descrença*; e *The Play of the Imagination: Toward a Psychoanalysis of Culture* (New York: International Universities, 1983), t.p. *O jogo da imaginação: por uma psicoanálise da cultura*.

entre desejar e ter esperança reside no fato de não estar o desejo, ao contrário da esperança, necessariamente orientado para a realidade¹⁷. Esta distinção, oriunda da psicologia, pode também ser aplicada à religião usando o conceito de Providência. Pruyser explica que “a descoberta mais importante a ser feita [em relação à Providência] é que a pessoa deve aprender a lidar e a aceitar a benevolência”¹⁸. Capps, por sua vez, conclui que “a benevolência divina, assim como a humana, é a promessa de Deus estar conosco nas dificuldades e de estar presente em nossas horas de agonia, e não de realizar curas mágicas ou miraculosas”¹⁹.

Assim, mesmo no campo religioso, ainda que oriunda da imaginação, a esperança mantém uma forte conexão com a realidade e com a possibilidade de tornar real o que se espera. É um processo dual no qual há um real acordo entre aquele que tem esperança e aquilo pelo que se a tem. Esta ideia não descarta a possibilidade de se basear a fé em desejos providenciais, mas Capps e Pruyser sugerem que tal esperança, de modo a manter uma conexão saudável com a realidade, deve procurar fixar-se no solo mais estável da esperança na Providência. Na esperança, a imaginação, e por extensão a fé, é mais controlada que dirigida pela realidade e não é super-idealizada: “o imaginário apropriado para ter esperança se baseia diretamente na convicção [...] de que o objeto de desejo irá aparecer e que este objeto tem a possibilidade de satisfazer aquele que tem esperança”²⁰.

A esperança possui três imagens características que nos auxiliam a negociar transições em nossas vidas. A primeira são

¹⁷ Capps, *Agents of Hope*, 36.

¹⁸ Pruyser, *Between Belief and Unbelief*, 187.

¹⁹ Capps, *Agents of Hope*, 37.

²⁰ Capps, *Agents of Hope*, 38.

“as imagens de esperança refletindo uma percepção pessoal do futuro como trazendo novas possibilidades”²¹. Neste sentido, a realidade é considerada como um processo inacabado sobre o qual o agente tem algum controle ou poder de modo a criar novas e por vezes surpreendentes realidades, mesmo que o resultado permaneça desconhecido. A segunda imagem de esperança “tem a haver com as experiências transicionais da vida”²². Esta imagem está relacionada com o conceito de “objetos e fenômenos transicionais”²³ sugeridos por Donald Winnicott e desenvolvidos por Pruyser através da noção de religião como uma esfera transicional. Nesta esfera, pode-se desenvolver a capacidade de formar imagens de esperança, como que a partir de uma brincadeira, o que por sua vez auxilia uma pessoa a se mover de uma situação para outra, negociando as transições que ocorrem em sua vida. A ideia do sagrado permite um sentimento de liberdade e segurança para explorar, com controlada ansiedade, o que em realidade permanece desconhecido. A terceira imagem são “imagens de esperança [que] refletem a capacidade de se estar só”²⁴. Neste caso, a imagem de alguém ausente foi internalizada no *self* ou na mente da pessoa a ponto de ser estabelecida uma conexão relacional, a despeito da ausência física da pessoa. As imagens de esperança criam uma sensação de segurança através de uma ideia internalizada, como a de Deus, por exemplo. Esta ideia nutre a esperança e a sensação de confiança em relação à vida.

²¹ Capps, *Agents of Hope*, 41.

²² Capps, *Agents of Hope*, 41.

²³ Donald W. Winnicott, “Transitional Objects and Transitional Phenomena,” em *Playing and Reality* (New York: Brunner-Routledge, 1971), 1-25, t.p. “Objetos transicionais e fenômenos transicionais,” em *Brincadeira e realidade*.

²⁴ Capps, *Agents of Hope*, 45.

Ter esperança, pois, é “a percepção de que o que alguém deseja que aconteça, acontecerá; uma percepção alimentada por um desejo oriundo de uma resposta a uma sensação de privação”²⁵, é a “projeção que antevê o realizável”²⁶. Por esta razão, ela incorre em um risco inerente e envolve investimentos por parte do *self*. O ato de ter esperança envolve uma percepção fluida, inexplicável, baseada em um alto grau de intuição. Não pode ser comprovada e é altamente solitária. Alimentada pelo desejo, a esperança é, a grosso modo, uma explicação, um ato de dar nome aos desejos pessoais e revelar sua intensidade; é menos intensa que o desejo ardente embora mais intensa que um simples desejo²⁷. Finalmente, por estar relacionada com alguma privação sentida, ter esperança é também um esclarecimento sobre algo do que alguém está privado e um estímulo para atingir o que está ausente. Há uma sensação de perda, mas também há a procura por algo novo e duradouro ou a restauração de algo que se tinha, mas que foi perdido²⁸.

Analisando a natureza da esperança, Capps assevera que a ela é uma projeção, característica que considera positiva. Divergindo da opinião geralmente negativa dos psicólogos, para os quais projeções são “atos inconscientes ou um processo de projetar em outros ideias pessoais ou intenções”²⁹, Capps prefere ver projeções como frutos de uma mente criativa, como que feitas por um fotógrafo ao criar uma imagem artística em superfícies bi ou tridimensionais, a exemplo de fotografias ou hologramas. Ainda que sejam meras interpretações particulares ou simulacros da realidade, elas “nos permitem imaginar

²⁵ Capps, *Agents of Hope*, 53.

²⁶ Capps, *Agents of Hope*, 53.

²⁷ Capps, *Agents of Hope*, 59.

²⁸ Capps, *Agents of Hope*, 60.

²⁹ Capps, *Agents of Hope*, 64.

uma realidade distinta de nossa experiência diária”³⁰. Assim sendo, esperanças são ilusões criativas que permitem alguém imaginar algo que não existe em realidade, servindo de catalisador para mudanças.

No âmbito da ilusão criativa, a religião poderia ser vista como uma excelente ferramenta que possibilitaria direcionar o exercício criativo de projeções, caso não fosse limitadora, como Sigmund Freud idealizou³¹. O problema parece não estar na religião em si ou na ideia de Deus ou do sagrado, mas em como os seres humanos a usam, como, por exemplo, um instrumento de prisão ao invés de libertação, de limitação da imaginação ao invés de um local seguro para recriar ou realizar o *self*, ou de controle comunal ou meio para ganhar poder político.

Projeções se relacionam não somente com Deus, mas também com o *self*, já que alguém projeta o que é realizável ou alcançável levando em conta algum risco. Ao manter a esperança, intenta-se realizar uma projeção “ao futuro e imaginar [a própria] existência de uma forma distinta da atual”³². O risco reside no fato de, devido ao futuro ser imprevisível, raramente estar exatamente de acordo com o real, ainda que seja

³⁰ Capps, *Agents of Hope*, 65.

³¹ A posição geralmente negativa de Sigmund Freud em relação à religião é bem conhecida e deve ser contextualizada na sociedade pós-vitoriana europeia do início do século XX. Freud sentiu uma forte necessidade reagir radicalmente a este contexto. Ainda que o contexto atual seja muito diferente, sua opinião permanece como um encorajamento a uma expressão religiosa mais livre. “Das Unbehagen in der Kultur,” em *Studienausgabe Band IX: Fragen der Gesellschaft/Ursprünge der Religion* (Frankfurt am Main: S. Fischer, 1974 [1930]), 206-207, t.p. “O mal-estar na civilização,” em *Obras completas volume IX: Questões da sociedade/origens da religião*. Citado por Capps, *Agents of Hope*, 66.

³² Capps, *Agents of Hope*, 69.

realizável. Caso o resultado não seja o esperado, pode trazer desapontamentos, desmoralização, vergonha e humilhação. A esperança, em resumo, se foca mais na mudança que pode trazer que propriamente em seu objetivo final. A partir de um necessário grau de incertitude, muitas possibilidades podem ser exploradas e encontradas³³.

A esperança, evidentemente, possui inimigos e aliados, que Capps tem o cuidado de listar. Entre os inimigos, encontramos o desespero, a apatia e a vergonha, ao passo que entre os aliados encontramos a confiança, a paciência e a modéstia. O desespero ocorre quando alguém acredita que algo muito desejado não se realizará, ao passo que confiança fornece combustível à esperança, através de um sentimento de segurança. A apatia cresce quando uma pessoa não mais deseja investir energia na mudança de uma situação real ou futura, ao passo que a paciência mantém a esperança viva. A vergonha se torna evidente quando algo que, com confiança, esperava-se acontecer não acontece, e deve-se aceitar a perda da energia investida no projeto. A modéstia, por outro lado, permite alguém abrir mão de esperanças que não deram certo e do *self* que as criaram. Levando em conta e estando atento a estes inimigos e aliados – evitando aqueles e encorajando estes – o equilíbrio necessário para uma vida saudável pode ser atingido. É confrontando estas ameaças e aliados que teólogos pastorais podem encontrar nutrientes de esperança em indivíduos, comunidades e suas congregações.

Em termos mais práticos, no capítulo final de *Agents of Hope*, Capps sugere uma proposta metodológica concreta para ações fomentadoras de esperança em indivíduos e congregações ao chamar atenção para outro de seus livros – *Reframing: A New Method in Pastoral Care*. Neste livro, são apresentados

³³ Capps, *Agents of Hope*, 70.

vários métodos para o reenquadramento que, em linhas gerais, é a “colocação de um problema ou dificuldade sob uma nova moldura de percepção e, portanto, mudando seu significado”³⁴. Em *Agents of Hope*, dois métodos específicos relacionados com o tempo são privilegiados pois, ao reenquadrar a percepção pessoal do tempo, um elemento crítico na determinação da sensação de esperança ou desesperança, é-se capaz de criar e sustentar a esperança. Estes métodos chamam-se ‘projeção do futuro’ e ‘revisão do passado’.

Projetar o futuro “encoraja alguém a adotar uma nova perspectiva sobre o presente, quebrando um círculo vicioso de um presente controlador”³⁵. Na revisão do passado, por outro lado, uma pessoa é capaz de reinterpretar o passado sob uma nova perspectiva, “mudando significados e, pelo tanto, também quebrando as bases da desesperança, transformando-os em uma fonte de esperança”³⁶. Ambos os métodos são importantes, pois a forma como o passado é visto afeta o futuro que, por sua vez, tem repercussões no presente³⁷. Capps explica citando Ben Furman e Tapani Ahola:

Já que o futuro muitas vezes está ligado ao passado, pessoas com um passado de estresse têm a tendência de ter uma visão desesperançada do futuro. Como consequência, uma visão negativa do futuro provoca uma exarcebação dos problemas correntes ao colocar uma sombra negativa sobre o passado e o presente.³⁸

³⁴ Capps, *Agents of Hope*, 164.

³⁵ Capps, *Agents of Hope*, 165.

³⁶ Capps, *Agents of Hope*, 165.

³⁷ Capps, *Agents of Hope*, 166.

³⁸ Ben Furman e Tapani Ahola, *Solution Talk: Hosting Therapeutic Conversations* (New York: W. W. Norton, 1992), 91, t.p. *Diálogos visando soluções: Sendo um anfitrião de conversações terapêuticas*.

É interessante notar que o tempo é um elemento importante, ainda que relativo, no qual o passado e o futuro afetam as ações presentes como partes indivisíveis de um todo. Ao reenquadrar visões do passado e do futuro, objetivando especialmente uma visão esperançosa de ambos, afetamos o presente. Esta ideia está intimamente relacionada com aquela da escatologia cumprida e tem suas bases na natureza esperançosa de Deus: a criação divina é uma projeção da própria natureza esperançosa de Deus³⁹. Obviamente há certo grau de risco nesta projeção, pois não é sempre que os seres humanos compreendem a verdadeira natureza do *self* esperançoso de Deus, e a vida muitas vezes não se desenvolve como originalmente intencionada. Ainda assim, ao permitir que sejamos ativamente responsáveis pelas possíveis consequências em nossa vida, baseados na esperança futura e na revisão do passado, o reenquadramento pode afetar a vida positivamente.

***Reframing* (Reenquadramento)**

Em *Reframing: A New Method in Pastoral Care*, Capps explica que o reenquadramento é uma técnica que, como ferramenta para desenvolver uma poimênica inspirada pela esperança, deveria ter tido mais atenção por parte de teólogos pastorais e líderes religiosos. É uma resposta ao debate sobre o papel das ciências, especialmente da psicologia, nos cuidados pastorais, sem a devida atenção para questões teológicas⁴⁰. Capps demonstra que a psicologia e a teologia podem se complementar no exercício dos cuidados pastorais e, de forma mais ampla, na teologia pastoral. *Reframing* nasceu como sequência

³⁹ Capps, *Agents of Hope*, 169.

⁴⁰ Capps, *Reframing*, 1-2.

ao seu livro anterior, *Biblical Approaches to Pastoral Counseling*⁴¹, no qual explora as relações entre os tipos de cuidados pastorais e gêneros literários bíblicos, notando que parábolas são particularmente úteis para o reenquadramento⁴². Além do mais, devido à possibilidade do reenquadramento ser aplicável a diferentes teologias e religiões, o espectro inter-religioso⁴³ da teologia pastoral é ampliado. O reenquadramento usa a imagem básica do cuidador como o ‘louco-sábio’⁴⁴, classificada por Robert C. Dykstra como uma das imagens paradoxicais dos cuidados pastorais.⁴⁵

⁴¹ Vide a primeira parte deste artigo.

⁴² Capps, *Reframing*, 4.

⁴³ Sobre inter-religiosidade, veja nota de rodapé 153.

⁴⁴ Alastair V. Campbell identificou três imagens pastorais legítimas: o ‘pastor’, o ‘ferido que cura’, e o ‘louco-sábio’. A imagem do pastor, aquele que guia, foi introduzida por Seward Hiltner especialmente em seu livro *Preface to Pastoral Theology: The Ministry and Theory of Shepherding* (New York: Abingdon Press, 1958), t.p. *Prefácio para a teologia pastoral: O ministério e a teoria do pastorado*, tendo sido uma imagem dominante nas décadas de 1950 e 1960, quando o campo dos cuidados pastorais começou a ganhar reconhecimento acadêmico. Sua popularidade decresceu com a gradual ascensão, na década de 1970, da imagem menos diretiva do ferido que cura, aquele que empatiza. Esta imagem foi proposta em: Henri J. M. Nouwen, *The Wounded Healer: Ministry in Contemporary Society* (New York: Doubleday, 1972), 83-98, t.p. *O ferido que cura: Ministério na sociedade contemporânea*. Uma década depois, Campbell propôs a sua própria imagem do louco-sábio, aquele que re-enquadra, em: “Wise Folly,” em *Rediscovering Pastoral Care* (Philadelphia: Westminster Press, 1981), 55-71, t.p. “Loucura sábia,” em *Redescobrimdo os cuidados pastorais*, baseado numa comparação entre o ministro no hospital e um palhaço de circo proposta por Heije Faber, *Pastoral Care in the Modern Hospital* (Philadelphia: Westminster, 1971), 68-94, t.p. *Cuidados pastorais em um hospital moderno*.

⁴⁵ Robert C. Dykstra, *Images of Pastoral Care: Classic Readings* (St. Louis: Chalice, 2005), 13-14, t.p. *Imagens de cuidados pastorais: textos clássicos*.

Capps segue ideias propostas por Paul Watzlawick, John Weakland e Richard Fisch,⁴⁶ que definem reenquadramento como “um meio para mudar cenários ou perspectivas conceituais e/ou emocionais em relação às quais determinada situação é experimentada, e colocá-las sob um novo enquadramento que esteja de acordo com os ‘fatos’ da mesma situação concreta mas de igual ou melhor forma e, pelo tanto,

⁴⁶ Paul Watzlawick, John H. Weakland, e Richard Fisch, *Change: Principles of Problem Formation and Problem Resolution* (New York: W. W. Norton, 1974), t.p. *Mudança: princípios para a formação e resolução de problemas*. Este livro apresenta uma perspectiva interessante para a formação e resolução de problemas baseada na Teoria de Grupos e na Teoria dos Tipos Lógicos. Os autores apresentam uma descrição detalhada destas teorias e suas aplicações, e Capps adotou suas conclusões. Os três autores, por sua vez, foram inspirados por: Ludwig Wittgenstein, *Philosophische Untersuchungen*, 2d. ed. (Oxford: Basil Blackwell, 1958), disponível em português como *Investigações filosóficas* (São Paulo: Abril Cultural, 1984). No sétimo capítulo, é apresentado o conceito de ‘jogos de linguagem’, tentando “trazer à luz o fato de que falar uma linguagem é parte de uma atividade ou forma de vida.” Wittgenstein usa o termo ‘jogos de linguagem’ para “todos aqueles inúmeros hábitos e convenções que nos dão sentido e que permitem a linguagem efetuar suas várias e legítimas funções no mundo.” Christopher Norris, “The Insistence of the Letter: Textuality and Metaphor in Wittgenstein’s Later Philosophy,” em *The Deconstructive Turn: Essays in the Rhetoric of Philosophy* (London: Methuen, 1983), 36, t.p. “A insistência da letra: textualidade e metáfora na filosofia do segundo Wittgenstein,” em *A mudança desconstrutiva: ensaios sobre a retórica da filosofia*. Terapia, sob esta perspectiva, pode ser vista como um exemplo de atividade que envolve um conjunto de jogos de linguagem relacionados embora distintos, deduzida a partir da famosa máxima: “O significado de uma sentença para nós é caracterizado pelo uso que fazemos da mesma,” Ludwig Wittgenstein, *Preliminary Studies for the “Philosophical Investigations” Generally Known as The Blue and Brown Books* (New York: Harper & Row, 1958), 65, disponível em português como *O livro azul* (Lisboa: Edições 70, 1992) e *O livro castanho* (Lisboa: Edições 70, 1992).

mudando completamente seu significado”⁴⁷. Os autores também afirmam que há dois tipos de mudança: as de primeiro nível, que ocorrem quando um elemento é mudado mas o sistema permanece inalterado, e as de segundo nível, quando tanto elementos como o sistema mudam⁴⁸. O ser humano tenta mudanças em resposta a “dificuldades” sistêmicas tais como o mal e a morte, inerentes à existência humana, e aos elementos de primeiro nível, criados e mantidos pela má administração dessas dificuldades⁴⁹. Os problemas de má administração ocorrem de diversas formas, incluindo simplificação, utopianismo e, principalmente, paradoxo (quando a mudança é intentada no nível errado).

Capps está prioritariamente interessado em mudanças de segundo nível e, pelo tanto, propõe quatro passos básicos para compreendê-la: definir o problema em termos concretos; investigar soluções já intentadas; definir claramente mudanças concretas a serem atingidas; e formular e implementar um plano para produzir esta mudança.⁵⁰ Estes passos, entretanto, não devem ser vistos como uma receita, pois o reenquadramento tende a ser mais uma arte geradora de esperança, que envolve imaginação controlada e liberdade lúdica, que uma ciência. Não é uma ferramenta para ser usada para manipulação ou controle, mas um meio para “quebrar impasses [e] tornar mudanças positivas possíveis”⁵¹, apontando para uma dinâmica de libertação de preconceitos limitadores e levando a uma maior compreensão das possibilidades pessoais.

⁴⁷ Watzlawick, *Change*, 95.

⁴⁸ Capps, *Reframing*, 12.

⁴⁹ Capps, *Reframing*, 14.

⁵⁰ Capps, *Reframing*, 22.

⁵¹ Capps, *Reframing*, 50-51.

Capps apresenta em detalhe treze técnicas de reenquadramento⁵², mas não menciona diretamente o ‘reenquadramento do tempo’, que no livro posterior, *Agents of Hope*, foi o método escolhido. Por outro lado, já que Capps vê reenquadradores como “‘pró-artistas’ cuja imaginação criativa está a serviço único da criação de possibilidades de outras pessoas terem vidas mais plenas e abundantes”⁵³, podemos concluir que a escolha das técnicas é vasta, pessoal, e dependente do sujeito ou do objetivo a ser atingido. Já que o reenquadramento envolve o estabelecimento de um contraste entre o presente e um futuro projetado, ou entre o presente e um passado interpretado, ele poderia ser visto como derivado de uma intenção paradoxical, uma “técnica [que] envolve o encorajamento ou instrução de clientes, no desejo de realização da exata coisa que temem acontecer”⁵⁴. Ao desejar esta realização, pode-se descobrir que estes dois polos opostos se autocancelam e, em consequência, poder-se-á ver determinada situação sob uma nova perspectiva. Similarmente, ao se reinterpretar o passado de uma forma diferente da compreensão presente ou ao se projetar um futuro diferente da situação presente, uma pessoa pode criar um paradoxo que irá abrir a porta para novas soluções de vida.

Capps considera cuidadosamente o ministério de Jesus usando as lentes do reenquadramento em um estudo de caso ao explorar a estória de Jó, mostrando os métodos inadequados usados por seus conselheiros contrastados com as respostas divinas ao sofrimento de Jó, apropriadamente reenquadradas,

⁵² Intenção paradoxical, desreflexão, confusão, expor em vez de esconder, a estratégia do elogio, por que a mudança é aconselhada?, sabotagem benevolente, ilusão de alternativas, provisão de uma alternativa pior, colocação de um novo rótulo, preempção, receitar e tática de rendição. Capps, *Reframing*, 27-51.

⁵³ Capps, *Reframing*, 51.

⁵⁴ Capps, *Reframing*, 28.

objetivando uma mudança de segundo nível. O sucesso de Deus não se deve somente à Sua natureza divina e perfeita, mas também porque “Deus realmente falou com Jó dizendo palavras que possibilitaram ver seus problemas de forma distinta”⁵⁵. Os elementos críticos de mudança não estão na presença de Deus, mas em Suas palavras. Elas confirmaram a integridade de Jó e suas imagens divinas. De fato, Deus “se recusou a travar qualquer discussão sobre os sofrimentos de Jó e suas razões”⁵⁶. Ao contrário, como consequência da volta ao mundo proposta por Deus, e por meio de reenquadramento paradoxical, Jó pôde recuperar um senso de compreensão perdido e que seus conselheiros, ainda que bem-intencionados, foram incapazes de lhe dar. A perspectiva proposta por Deus funcionou porque em vez de asperamente repetir soluções anteriormente tentadas e baseadas em senso comum, Deus tomou a via oposta, reequilibrando a compreensão de Jó.⁵⁷

O senso comum dita que o sofrimento não deve ser ignorado e algo deve ser feito para ajudar o sofredor. Além

⁵⁵ Capps, *Reframing*, 147.

⁵⁶ Capps, *Reframing*, 164.

⁵⁷ Em uma interessante analogia aritmética proposta por: Watzlawick, Weakland e Fisch, *Change*, 1-12, a interação entre Jó e seus conselheiros pode ser representada pela equação $a_1 + a_2 = 2a$, onde $a_1 = a_2$, representando tanto o problema de Jó como a solução dos amigos. Deus, entretanto, propôs uma equação diferente: $a_1 + (-a_2) = 0$. Ao passo que os conselheiros de Jó apenas adicionaram elementos iguais a um sistema existente, a adição paradoxical de Deus levou a um equilíbrio do sistema. Em termos de álgebra vetorial, enquanto que a equação envolvendo Jó e seus conselheiros é representada por $\rightarrow + \rightarrow = \rightarrow$, a interação entre Jó e Deus, sob inspiração do paradoxo, aqui considerada como um oposto perfeito, é representada por $\rightarrow + \leftarrow = 0$. A adição aos problemas de Jó não resultou em um equilíbrio do sistema, ao passo que a subtração de iguais módulo e direção mas de sentido contrário resultou no equilíbrio desejado.

disso, supõe-se que o conhecimento das razões para o sofrimento seja a base para a solução do problema. Capps, entretanto, escreve:

Deus foi contra a visão baseada no senso comum. Deus não se concentrou nas dificuldades de Jó, nem respondeu ao problema da culpa de Jó, uma das explicações plausíveis para as suas dificuldades. Ao contrário, Deus falou de praticamente tudo no mundo, exceto destes dois pontos. A recusa de Deus em falar com Jó sobre suas dificuldades re-enquadraram a situação de forma distinta àquela vista pelos conselheiros e pelo próprio Jó. Como as tentativas anteriores de solução do problema deixaram claro, nada foi ganho através da discussão sobre os sofrimentos de Jó e suas razões. Assim, Deus concebeu a ideia de levar Jó em um passeio imaginário pelo mundo, [pontuando] as dificuldades e desafios para governá-lo. Já que ambos, Jó e Deus, são governadores, Deus se concentrou no assunto mais significativo para ambos e central para suas identidades vocacionais. Ao falar com Jó sobre estes assuntos, Deus afirmou a relação de Jó como co-criador e, desta forma, recuperou seu senso vocacional para o mundo.⁵⁸

O brilhantismo da solução do reenquadramento divino está em ignorar as possíveis razões para diferenças entre Deus e Jó, e se concentrar nas semelhanças e preocupações comuns em relação ao destino do mundo. Ao fazê-lo, as ideias de Jó foram questionadas e redirecionadas de suas próprias necessidades para o seu renovado e generativo papel no mundo.

⁵⁸ Capps, *Reframing*, 165.

Jó ganhou novamente um senso de finalidade e significado na vida, sem a necessidade de confissões de culpa ou fé que, a esta altura, pouco importariam. A consequência mais importante foi o fato de “seu senso de justiça, que fora tão importante para sua autocompreensão, não estar mais baseado somente em suas realizações pessoais, mas na sua participação na criativa manutenção do mundo com Deus”⁵⁹.

Capps conclui que devido ao fato de ser o método de reenquadramento divino paradoxical, as formas de atuação divina no mundo também são paradoxicais⁶⁰. Jó teve a felicidade de poder ver e experimentar a natureza paradoxical de Deus, e ser confrontado com seus próprios pensamentos paradoxicais. Os conselheiros de Jó nunca chegaram a esta conclusão e, pelo tanto, foram incapazes de aconselhar a Jó. “Assim, seus amigos estavam condenados a trabalhar, talvez até o fim de seus dias, nas mudanças de primeiro nível. Dar-se conta de Deus [por outro lado], e o dar-mo-nos conta de nós mesmos, como um paradoxo [a exemplo de Jó], é o cerne teológico da poimênica, pois reenquadra uma situação visando mudanças de segundo nível”⁶¹.

Reenquadramento é a técnica por excelência da imagem de Alistair Campbell do ‘louco-sábio’⁶². Loucos-sábios reenquadram uma situação levando em conta aspectos de simplicidade, lealdade e profecia, especialmente em relação ao que seria a posição de Deus. Capps, entretanto, foi além, estabelecendo uma ponte entre o louco-sábio e o agente da esperança. Ainda que diferentes em essência, a imagem do líder religioso como um agente da esperança parece ser uma consequência do

⁵⁹ Capps, *Reframing*, 165.

⁶⁰ Capps, *Reframing*, 167.

⁶¹ Capps, *Reframing*, 168.

⁶² Dykstra, *Images of Pastoral Care*, 94-107, 47-53, 76-84.

louco-sábio: o agente da esperança canaliza o reenquadramento, as novas e normalmente paradóxicas perspectivas oferecidas pelo louco-sábio, com a finalidade de fomentar esperança, o que é também uma característica divina. Ao apresentar um cenário novo e possível, a solução é encontrada ao aumentar as possibilidades de se ter esperança. Isto não significa que o agente da esperança irá ditar ou ser diretivo no processo de mudança, pois o ato de reenquadramento é baseado naquilo que é oferecido pela pessoa em sofrimento. Visões, expectativas, razões e premissas dos aconselhados, têm que ser levados em conta e são a base do reenquadramento. Ao trabalhar com esta matéria-prima, um conselheiro pode, inspirado pela esperança e através do reenquadramento ou interpretação das estruturas conceituais do aconselhado, dar novos contornos a uma situação, ou ainda ensinar uma perspectiva diferente ou mais construtiva. Watzlavick *et alii* nos ensinam que, no reenquadramento, é o conselheiro que aprende e usa a linguagem do paciente, oferecendo um novo jogo de linguagem.

***Living Stories* (Narrativas vivas)**

Continuando a trabalhar no círculo hermenêutico que envolve a poimênica e a teologia pastoral, no livro *Living Stories: Pastoral Counseling in Congregational Context* Capps direciona a atenção do leitor para o cenário onde normalmente o conselheiro pastoral trabalha: a congregação. A poimênica é essencial para uma vida saudável de uma congregação, “já que ela responde à fundamental necessidade humana de dar atenção construtiva e sistemática para as formas como indivíduos ‘contam a história’ de suas vidas.”⁶³ É no ato de contar e recontar suas histórias que os indivíduos conseguem desenvolver

⁶³ Capps, *Living Stories*, viii.

histórias novas, mais satisfatórias e novos modos de ver o mundo. Estes atos, assim, se tornam parte essencial do ministério congregacional. Na construção de seu argumento, Capps favorece tanto a teoria da relação de objetos “e as formas pelas quais internalizamos e projetamos modelos e imagens parentais assim como outras, transmitidas através da cultura,”⁶⁴ como a terapia breve pois, como nota Capps, os líderes religiosos raramente podem ir além de uma segunda sessão formal de poimênica. Ao usar a terapia breve, os líderes religiosos podem reverter a tendência contemporânea na qual, devido à falta de tempo, provêem cuidados pastorais mas muito pouca poimênica.⁶⁵ A poimênica, entretanto, como essencial para a vida da congregação pode causar, na sua falta, efeitos negativos incluindo a pauperização da vida espiritual.⁶⁶ Capps portanto está respondendo à uma necessidade fundamental de qualquer congregação religiosa hodierna e nota, por outro lado, que a poimênica deve ser talhada de acordo com cada contexto congregacional particular. Ele explica:

A poimênica [é] talhada pelo cenário congregacional onde ocorre, envolvendo uma relação entre temas de narrativas, agora tão parte da literatura da teologia pastoral, com as novas formas de aconselhamento que estão emergindo do movimento da terapia breve.⁶⁷

Neste contexto, a poimênica envolve narrativas. Aliás, os cuidados pastorais se transformam em poimênica quando

⁶⁴ Capps, *Living Stories*, 1.

⁶⁵ Capps, *Living Stories*, 3.

⁶⁶ Capps, *Living Stories*, 7.

⁶⁷ Capps, *Living Stories*, 8.

um esforço sistemático é feito para reinterpretar uma narrativa feita. Isto inclui prévia reflexão e contínua atenção à estrutura na qual o ato de contar a estória ocorre. Em outras palavras, “[a poimênica] é a experiência de contar narrativas dentro de uma formatação construtiva.”⁶⁸ Neste esforço, uma nova compreensão da narrativa pode ser atingida. Assim, ao passo que nos cuidados pastorais uma narrativa é tomada pelo que é, e não é feito um esforço para conectá-la com outras implicitamente conectadas ou subjacentes, na poimênica o conselheiro faz este esforço. A poimênica é mais que um ouvido empático ou uma palavra de conforto; requer interpretação, orientação e até conselhos.⁶⁹

Capps enfatiza que os líderes religiosos não devem usar apenas uma perspectiva, como era comumente feito até a década de 1960.⁷⁰ Ao questionar as formas como o aconselhamento narrativo pode ajudar uma congregação, Capps deixa aberta a porta da liberdade, a ser usada da melhor forma possível pelo conselheiro. Para ele, qualquer perspectiva que seja eficaz e congruente com os valores da religião em questão pode ser usada. Em termos de teologia pastoral, a escolha de um modelo segue o mesmo princípio de eficácia e congruência relacionada com a filiação religiosa do aconselhado e a necessidade do conselheiro se sentir confortável para estabelecer uma conversação com alguém que talvez tenha uma perspectiva do mundo diferente da sua.

Em *Living Stories*, Capps interpreta estórias e narrativas – e como conselheiros e aconselhados contam a história de suas vidas – de três formas diferentes: como inspirativas, paradoxicais e miraculosas. Capps explica que as três formas

⁶⁸ Capps, *Living Stories*, 10.

⁶⁹ Capps, *Living Stories*, 11.

⁷⁰ Capps, *Living Stories*, 13.

partilham o senso de esperança, ou seja, “elas não aceitam a visão de que se possa perder completamente a esperança”⁷¹ e, portanto, sempre há como produzir mudanças na vida.

O elo entre o aconselhamento e as narrativas é conhecido, especialmente em terapia familiar. Neste sentido, Capps provê um resumo do trabalho de diferentes pesquisadores. Janine Roberts⁷² demonstra a importância de “evocar as capacidades reflexivas e inventivas do cliente para fazer uso de suas próprias histórias.”⁷³ Ela parece estar interessada em histórias familiares que capturam eventos demonstrativos de mudanças sociais, políticas e econômicas, pois oferecem chaves para a compreensão e interpretação das vidas dos membros da família. Roberts ressalta que cada história é contada de forma diferente, uma característica clara em terapia de casais. Capps conclui: “Roberts sugere que o papel do terapeuta seja deixar os clientes contarem todas as suas perspectivas para então ajudá-los a construir novos significados que lhes sejam mais úteis.”⁷⁴

Roberts sugere a existência de seis tipos de histórias:⁷⁵ ‘entrelaçada’, quando uma narrativa está conectada a outra mas a pessoa que as conta pode não estar atenta a esta conexão; ‘distintas’ ou ‘separadas’, quando uma narrativa é consequência de outra; ‘mínimas’ ou ‘interrompidas’, quando não se tem ou se tem acesso mínimo à narrativa que possui consequências na vida presente; ‘silenciadas’ ou ‘secretas’, quando uma narrativa tem a haver com algo escondido ou mantido

⁷¹ Capps, *Living Stories*, 13.

⁷² Janine Roberts, *Tales and Transformations: Stories in Families and Family Therapy* (New York: W. W. Norton, 1994), t.p. *Contos e transformações: Estórias familiares e terapia familiar*.

⁷³ Capps, *Living Stories*, 25.

⁷⁴ Capps, *Living Stories*, 25.

⁷⁵ Roberts, *Tales and Transformations*, 11-22, interpretado por Capps, *Living Stories*, 26-30.

em segredo; ‘rígidas’, quando uma narrativa é continuamente contada da mesma forma; e ‘em desdobramento’, quando a narrativa reconhecidamente possui diferentes significados e interpretações em diferentes fases da vida.

Além disso, Capps, baseado em Roberts, sugere duas formas segundo as quais um terapeuta pode ajudar um aconselhado a manter o foco no trabalho com uma narrativa. A primeira é o encorajamento para contar narrativas temáticas que, através de seu conteúdo, possam trazer algum esclarecimento para um dado problema. A segunda é o encorajamento para contar narrativas coerentes. Tais narrativas, às vezes, possuem um conteúdo difuso normalmente tratando de algo cujo significado não é claramente visto. A coerência provém do trabalho efetuado com seus conteúdos.⁷⁶

É interessante frisar uma ressalva de Capps utilíssima para um contexto intercultural:⁷⁷ devido ao fato de estórias

⁷⁶ Capps, *Living Stories*, 32. Roberts também menciona narrativas ‘restauradas’ e ‘inventadas’. Nas ‘restauradas’, os clientes “re-escrevem estórias que lhes foram contadas de uma forma que no presente não lhes está dando sucesso.” Nas estórias ‘inventadas’, o cliente, “usa o poder da imaginação para criar estórias futuras, hipotéticas, metafóricas e/ou fantasiosas com animais, pessoas imaginárias, ou em lugares de faz de conta que possam ser representativas de algumas das questões com as quais estão lidando.” Roberts, *Tales and Transformations*, 44-48.

⁷⁷ Para uma discussão sobre pluri-, multi- e interculturalidade e seus correlatos pluri-, multi- e inter-religiosidade, vide Juan José Tamayo, “Hacia un nuevo paradigma teológico intercultural e inter-religioso,” em *Interkulturalität, Gender und Bildung: Dokumentation des V. Internationalen Kongresses für Interkulturelle Philosophie*, ed. Raúl Fornet-Betancourt (Frankfurt am Main: IKO-Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 2004), 267-294, t.p. “Por um novo paradigma teológico intercultural e inter-religioso, em *Interculturalidade, Gênero e Educação: Documentos do 5º Congresso Internacional de Filosofia Intercultural*, e Juan José Tamayo, e María José Fariñas, *Culturas y religiones en diálogo* (Madrid: Síntesis, 2007), t.p. *Culturas e religiões em diálogo*.

pessoais e culturais tenderem a estar entrelaçadas, “o cliente deve interpretar eventos culturais de modo a determinar como eles podem ter consequências em sua vida”⁷⁸. O método sugerido para este exercício é “pedir ao cliente para imaginar que possui uma origem cultural muito diferente e pensar como ele ou ela contaria sua história pessoal a partir deste outro ponto de vista”⁷⁹. Ao explicar pensamentos ou atos que, de outra forma, seriam tomados como normais, tanto o cliente como o terapeuta podem compreender perspectivas possivelmente esquecidas, e “ajudar o cliente a articular o papel da cultura em sua história pessoal e, talvez, imaginar outras formas com as quais o cliente possa lidar com os problemas trazidos à tona durante a terapia”⁸⁰.

Dois outros pesquisadores são citados por Capps: Patricia O’Hanlon Hudson e William Hudson O’Hanlon⁸¹. Eles distinguem três diferentes aspectos de uma situação que aconselhados podem descrever: fatos, narrativas e experiências. Fatos são dados ou situações sobre os quais a maioria dos observadores está de acordo. Narrativas estão relacionadas com significados e interpretações dadas a fatos, que são possíveis, mas não necessariamente verdadeiras: são hipóteses e teorias. Experiências são marcas dadas a percepções internas como sentimentos e fantasias originadas a partir de determinada situação. Na poimênica, é crucial diferenciar os fatos das narrativas já que uma pode não corresponder a outra e narrativas tendem a levar a situações como “leituras da mente”, explica-

⁷⁸ Capps, *Living Stories*, 32.

⁷⁹ Capps, *Living Stories*, 32.

⁸⁰ Capps, *Living Stories*, 33.

⁸¹ Patricia O’Hanlon Hudson e William Hudson O’Hanlon, *Rewriting Love Stories: Brief Marital Therapy* (New York: W. W. Norton, 1991), 12-21, t.p. *Escrevendo estórias de amor: terapia breve para casais*.

ções casuais, predições, rotulações, generalizações, equivalências e avaliações. Por outro lado, narrativas podem ter um lado positivo: “o trabalho do terapeuta é reconhecer a narrativa de cada pessoa e cuidadosamente confrontá-las, de modo a desenvolvê-las em outras novas e melhores”⁸².

Por fim, Alan Parry e Robert E. Doan,⁸³ de acordo com Capps, “veem a terapia como um meio de ajudar homens e mulheres a se tornarem os autores de suas próprias narrativas”⁸⁴. No ato de recontar uma narrativa, uma pessoa pode dar-se conta de que ela é um texto do qual não foi completamente a autora: foi formada por narrativas e significações de outros, como através de filiações religiosas, laços raciais ou étnicos, orientação sexual, identidade profissional, ou histórias e tradições familiares. Ao dar-se conta deste fato, pode-se iniciar, como consequência, um processo de desconstrução, no qual se abre um espaço para revisão. Subsequentemente pode-se reconstruir uma narrativa, mais próxima aos desejos da pessoa. Esta dinâmica está em conformidade com convenções pós-modernas segundo as quais “nenhuma reivindicação única por uma verdade é universalmente respeitada, ou uma narrativa resume todo o significado da vida”⁸⁵. Além do mais, “há tantas coisas acontecendo para tantas pessoas e tão rápido, que nenhuma narrativa ou teoria é suficiente para dar uma explicação completa sobre um assunto”⁸⁶.

⁸² Capps, *Living Stories*, 39.

⁸³ Alan Parry and Robert E. Doan, *Story Re-Visions: Narrative Therapy in the Postmodern World* (New York: Guilford Press, 1994), t.p. *Re-vendo estórias: terapia narrativa no mundo pós-moderno*.

⁸⁴ Capps, *Living Stories*, 41 sugerido por Parry, *Stories*, 44-84.

⁸⁵ Parry, *Stories*, 10.

⁸⁶ Parry, *Stories*, 10. Mormente após a revolução nas comunicações ocorrida a partir da segunda metade da década de 1990, com a popularização dos computadores pessoais e da internet.

Capps lembra a seus leitores quão importante é para o aconselhado estar ciente de seu papel na estória criada. Ele sugere fazê-lo usando a terapia centrada no cliente proposta por Carl Rogers⁸⁷, por estar centrada nas experiências particulares de cada um. Ela provê as bases para a criação, narração e compreensão que possam impactar não somente o indivíduo, mas também, indiretamente, a sua família ou o seu sistema relacional imediato. De acordo com a visão rogeriana, a criação de uma atmosfera de liberdade de expressão permite ao aconselhado aceitar como ele ou ela realmente é, e abre as portas para uma expressão pessoal mais livre. Gradualmente abre-se mão de falsas identidades, máscaras e papéis, e descobre-se aspectos do *self* até então desconhecidos. O aconselhado normal – e naturalmente passará de uma atitude rígida e defensiva para uma outra aberta a novas experiências; de medo de reações emocionais pessoais para confiança no próprio organismo; da procura por aprovação ou desaprovação em outras pessoas para confiança em avaliações próprias e, por fim, para ver a terapia e a vida como um conjunto processual, ao invés de um estado ou objetivo fixo e final⁸⁸. Em realidade, nas palavras de Rogers: “ser o que alguém é, é ser inteiramente um processo”⁸⁹. Ser o que uma pessoa é implica numa ideia de dinamismo na qual

⁸⁷ Carl R. Rogers, *On Becoming a Person: A Therapist's View of Psychotherapy* (New York: Houghton Mifflin Company, 1961), t.p. *Tornar-se uma pessoa: uma visão de um terapeuta a respeito da psicoterapia*, do qual Capps chama a atenção para os capítulos “What It Means to Become a Person” (107-124) t.p. “O que significa torna-se uma pessoa”, e “To Be That Self Which One Truly Is: A Therapist's View of Personal Goals” (163-182), t.p. “Ser o *self* que se realmente é: uma visão de um terapeuta sobre os objetivos pessoais.”

⁸⁸ Capps, *Living Stories*, 48.

⁸⁹ Rogers, *On Becoming a Person*, 176.

aspectos do *self* são constantemente descobertos e a vida apresenta constantes mudanças.

Capps devota a maior parte de seu livro à análise e exemplificação de três tipos de narrativas com aplicações congregacionais: as narrativas inspiracionais, miraculosas e paradoxais, às quais adiciona um capítulo sobre o mexerico. Destas, ele parece favorecer as narrativas paradoxais, pois menciona ideias já apresentadas em seu livro anterior sobre reenquadramento.

As narrativas inspiracionais, baseadas no trabalho de Milton Erickson⁹⁰, estão relacionadas com a arte da persuasão e poder de sugestão. Ao contar uma narrativa inspiracional, um aconselhado pode ser encorajado a fazer algo que, se diretamente aconselhado, não faria⁹¹. Sem dar razões ou explicações, ou sendo diretivas, as narrativas inspiracionais respeitam a liberdade de ação e improvisação do aconselhado e, ao mesmo tempo, permitem ao conselheiro, metaforicamente falando, sugerir uma receita⁹².

As narrativas miraculosas, inspiradas no trabalho de Steve de Shazer⁹³, são baseadas na teoria dos ‘jogos de linguagem’ proposta por Ludwig Wittgenstein, na qual “um jogo de linguagem é uma atividade vista como uma linguagem completa em si mesmo, um sistema de comunicação completo”⁹⁴. De acordo com esta perspectiva, a terapia é uma atividade envolvendo

⁹⁰ Milton H. Erickson, *My Voice Will Go With You: The Teaching Tales of Milton H. Erickson, M.D.*, ed. Sidney Rosen (New York: W. W. Norton, 1991), t.p. *Minha voz irá contigo: as estórias narrativas do médico Milton H. Erickson*.

⁹¹ Capps, *Living Stories*, 58.

⁹² Capps, *Living Stories*, 59.

⁹³ Steve de Shazer, *Putting Difference to Work* (New York: W. W. Norton, 1991), t.p. *Fazendo a diferença trabalhar*.

⁹⁴ Capps, *Living Stories*, 127, citando de Shazer, *Putting Difference to Work*, 72-73.

jogos de linguagem distintos porém relacionados em um sistema composto pelo conselheiro e aconselhado no contexto de uma relação terapêutica. Ambas as partes do sistema se veem como escritores e coautores das narrativas e negociam continuamente suas significações e interpretações. É na habilidade do sistema em desenvolver um novo enredo (significação-contexto) para a narrativa que reside a possibilidade de mudança⁹⁵. Em outras palavras, o momento terapêutico ocorre no ato de troca e compreensão de um problema ou aspecto da vida verbalizado, com a intenção de encontrar um significado comum. A narrativa miraculosa é feita a partir de um foco no leitor e não no texto. Este foco no leitor se concentra na estrutura mais profunda da narrativa e não no que apresenta superficialmente. Quando um aconselhado conta uma narrativa ou o conselheiro enfatiza uma perspectiva que permite um resultado mais positivo do que normalmente seria o caso, o aconselhado pode encontrar novas possibilidades de solução explorando esta “exceção”. Num movimento terapêutico interessante, a perspectiva muda de “a exceção comprova a regra” para “a exceção comprova a exceção”⁹⁶. Ao aconselhado e conselheiro discutirem sobre um “milagre” imaginado, como, por exemplo, um evento ou ação que aparentemente contradiz leis científicas conhecidas, esta “exceção” miraculosa provê a base para uma mudança de comportamento ou pensamento potencialmente positivas.

A narrativa paradoxal é baseada no trabalho de Paul Watzlawick. Como o paradoxo envolve “uma sentença aparentemente contraditória, inacreditável, ou absurda, mas que pode, em realidade, ser verdade factual”⁹⁷, na estória parado-

⁹⁵ Capps, *Living Stories*, 133.

⁹⁶ Capps, *Living Stories*, 139.

⁹⁷ Capps, *Living Stories*, 93.

xical há uma bipolaridade oriunda dos estágios de desenvolvimento de Erickson, reveladores do que Capps chama de ‘poder pastoral’. Ele afirma que o poder pastoral, “diferentemente do secular, é inerentemente paradoxal”⁹⁸, e “atinge seu ápice quando parece estar em menor evidência”⁹⁹. O paradoxo está no fato do poder pastoral aplicar “poderosos recursos que, se usados apropriadamente, podem produzir resultados significativamente benéficos e, se usados inapropriadamente, podem produzir sérias consequências negativas”¹⁰⁰. Capps chama a atenção para o fato de o poder pastoral estar relacionado intimamente com o exercício da liberdade, já que o conselheiro religioso normalmente não está sob supervisão ou observação e tem acesso às vidas dos aconselhados de forma privilegiada. Este acesso leva ao poder relacionado com o conhecimento das vidas dos aconselhados.

O uso do paradoxo envolve encontrar um modo de escapar ao dilema por ele mesmo criado, o que normalmente é feito

⁹⁸ Capps, *Living Stories*, 202.

⁹⁹ Capps, *Living Stories*, 202.

¹⁰⁰ Capps, *Living Stories*, 202. Uma maneira de entender este paradoxo é compará-lo com a homeopatia e sua lei de *similia similibus curentur* como oposta à medicina galênica, ambas válidas em diferentes situações. De forma paradoxal, a homeopatia tenta curar uma doença ao prover medicamentos com elementos baseados nos mesmos que causam a doença. A diferença está na dosagem menor, permitindo ao corpo criar naturalmente formas de combate contra as origens da doença. A medicina galênica, por outro lado, tenta curar provendo um elemento contrário, um antídoto, o que é uma real necessidade em problemas agudos. Objetiva um sintoma, e não necessariamente uma causa. Uma vez que um sintoma tenha sido tratado com sucesso, as causas podem ser atacadas. O primeiro paradoxo, relacionado com um primeiro estágio, é a provisão de uma solução contrária para atacar o problema. O segundo paradoxo, relacionado com um segundo estágio, é a provisão de dosagens controladas de um problema, permitindo à pessoa naturalmente lutar contra a origem destes problemas.

através da clarificação de comunicação ou através de uma mudança nas regras de um jogo de linguagem.¹⁰¹ Neste processo, o aconselhado é encorajado a tomar controle de uma situação normalmente incluindo o encontro de uma terceira alternativa, uma perspectiva diferente, ou uma ação ao acaso que resultaria no início de um processo de clarificação de determinada questão.

Em resumo, há dois elementos nas aplicações pastorais da perspectiva de Capps para a teologia pastoral. O primeiro elemento é o conselheiro, que pode ser um líder religioso, ter como papel principal o de agente ou fomentador de esperança em relação ao aconselhado. O segundo é o fato de ser seu trabalho feito através da ajuda ao aconselhado para reenquadrar a sua narrativa de vida. Neste contexto, se o objetivo é uma mudança de perspectiva, o uso do paradoxo é particularmente útil.

SÍNTESE

Objetivei neste artigo dar uma breve visão panorâmica das ideias de Donald E. Capps e seus esforços criativos e consistentes para aprofundar a teoria e a prática dos cuidados pastorais e da poimênica. Ele o faz seguindo um círculo hermenêutico, ainda que não crie normas fixas, usando como inspiração constante formas de linguagem e imagens bíblicas. As palavras trocadas no encontro pastoral podem ser compreendidas como tendo uma significação própria, abertas a múltiplos níveis de interpretação. O conselheiro, porém, deve estar atento para não sucumbir a uma visão ilusória da realidade, pois, como em textos bíblicos, as ações pastorais deixam suas marcas e têm consequências na vida do aconselhado.

¹⁰¹ Capps, *Living Stories*, 102.

A interpretação de Capps para a hermenêutica leva os cuidadores a ter sempre em mente três ideias principais: seu papel básico de fomentadores de esperança; sua tentativa de investigar, junto com o aconselhado, novas significações para uma dada situação através do reenquadramento; e encorajar o aconselhado a narrar estórias e, através destas, obter novos significados para suas vidas.

REFERÊNCIAS DA PARTE 2 de 2

- Campbell, Alastair V. “**Wise Folly.**” Em *Rediscovering Pastoral Care*, 55-71. Philadelphia: Westminster, 1981.
- Capps, Donald. *Agents of Hope: A Pastoral Psychology*. Minneapolis: Fortress, 1995; reimpressão, Eugene: Wipf and Stock, 2001.
- _____. *Life Cycle Theory and Pastoral Care*. Philadelphia: Fortress, 1983; reimpressão, Eugene: Wipf and Stock, 2002.
- _____. *Living Stories: Pastoral Counseling in Congregational Context*. Minneapolis: Fortress, 1998.
- _____. *Reframing: A New Method in Pastoral Care*. Minneapolis: Fortress, 1990.
- Dykstra, Robert C., ed. *Images of Pastoral Care: Classic Readings*. St. Louis: Chalice, 2005.
- Erickson, Milton H. *My Voice Will Go With You: The Teaching Tales of Milton H. Erickson, M.D.*, ed. Sidney Rosen. New York: W. W. Norton, 1991.
- Erikson, Erik H. *Identity and the Life Cycle*. New York: W. W. Norton, 1980.
- Erikson, Erik H., e Joan M. Erikson. *The Life Cycle Completed: Extended Version with New Chapters on the Ninth Stage of Development*. New York: W. W. Norton, 1997.
- Freud, Sigmund. “**Das Unbehagen in der Kultur.**” Em *Studienausgabe Band IX: Fragen der Gesellschaft/*

- Ursprünge der Religion*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1974 [1930].
- Furman, Ben, e Tapani Ahola. *Solution Talk: Hosting Therapeutic Conversations*. New York: W. W. Norton, 1992.
- O'Hanlon Hudson, Patricia, e William Hudson O'Hanlon. *Rewriting Love Stories: Brief Marital Therapy*. New York: W. W. Norton, 1991.
- Parry, Alan, e Robert E. Doan. *Story Re-Visions: Narrative Therapy in the Postmodern World*. New York: Guilford, 1994.
- Pruyser, Paul W. *Between Belief and Unbelief*. New York: Harper & Row, 1974.
- _____. *The Minister as Diagnostician: Personal Problems in Pastoral Perspective*. Philadelphia: Westminster, 1976.
- _____. *The Play of the Imagination: Toward a Psychoanalysis of Culture*. New York: International Universities, 1983.
- Roberts, Janine. *Tales and Transformations: Stories in Families and Family Therapy*. New York: W. W. Norton, 1994.
- Rogers, Carl R. *On Becoming a Person: A Therapist's View of Psychotherapy*. New York: Houghton Mifflin, 1961.
- de Shazer, Steve. *Putting Difference to Work*. New York: W. W. Norton, 1991.
- Tamayo, Juan José. "Hacia un nuevo paradigma teológico intercultural e inter-religioso." Em *Interkulturalität, Gender und Bildung: Dokumentation des V. Internationalen Kongresses für Interkulturelle Philosophie*, 267-294, ed. Raúl Fornet-Betancourt. Frankfurt am Main: IKO-Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 2004.
- Tamayo, Juan José, e María José Fariñas. *Culturas y religiones en diálogo*. Madrid: Síntesis, 2007.
- Watzlawick, Paul, John H. Weakland, e Richard Fisch. *Change: Principles of Problem Formation and Problem Resolution*. New York: W. W. Norton, 1974.

Wikipedia, s.v. “**Donald Eric Capps**”. Internet, acessada em 27 de agosto de 2010, disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Donald_Eric_Capps.

Winnicott, Donald W. “**Transitional Objects and Transitional Phenomena.**” Em *Playing and Reality*, 1-25. New York: Brunner-Routledge, 1971.

Wittgenstein, Ludwig. *Philosophische Untersuchungen*, 2d. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1958.

_____. *Preliminary Studies for the “Philosophical Investigations” Generally Known as The Blue and Brown Books*. New York: Harper & Row, 1958.